

DIE NIBELUNGEN 2. KRIEMHILDS RACHE / 1922-24 (*"Os Nibelungos 2ª Parte: A Vingança de Kriemhild"*)

um filme de Fritz Lang

Realização: Fritz Lang / **Argumento:** Thea von Harbou / **Fotografia:** Carl Hoffmann, Gunther Tittau / **Cenários:** Otto Hunter; colaboração: Erich Kettelhut, Karl Vollbrecht / **Figurinos:** Paul Gerd Guderian (falecido durante as filmagens), Anne Willkomm; armaduras, figurinos e armas dos Hunos fabricados por Heinrich Umlauff nos ateliers do Hamburger Volker-Museum / **Intérpretes:** Gertrud Arnold (Rainha Ute), Margarethe Schon (Kriemhild), Theodor Loos (Rei Gunther), Hans Carl Muller (Gerenot), Erwin Biswanger (Giselher), Behrard Goetzke (Volker von Alzey), Hans Adalbert Schlettos (Hagen Tronje), Hardy von François (Dankwart), Georg Jurowski (padre), Iris Roberts (pajem), Rudolf Klein-Rogge (Rei Etzel-Átila), Georg John (Blodel, o seu irmão), Hubert Heinrich (Werbel, o trovador de Verona), Georg August Koch (Hildebrand), Grete Berger (mulher).

Produção: Decla-Bioscop AG / **Cópia:** DCP, da Friedrich W. Murnau Stiftung (Wiesbaden), versão restaurada, tintada e musicada, intertítulos em alemão, legendas em inglês e legendada electronicamente em português, 130 minutos / **Estreia Mundial:** Berlim, em 26 de Abril de 1924.

Antes de retomarmos o fio à meada em relação à segunda parte do genial **Die Nibelungen**, que finalmente vemos em versão integral e restaurada, permitam-se duas observações. A primeira tem a ver com a "versão" conhecida antes de 2006, e que já foi vista em tempos nesta sala. Nessa "segunda parte" costuma aparecer um "segmento" de cerca de cinco a dez minutos, que "resume" a acção de **Siegfried Tod**. Julgo que muitos (como eu) tinham como dado adquirido que ele fazia parte do "corpo" de **Kriemhilds Rache**, mesmo que, para quem tivesse acabado de ver a primeira, tal acrescento não fizesse sentido. E de facto não fazia, como vemos agora, sendo tal resumo algo que mais tarde foi acrescentado para exibição independente de **Kriemhilds Rache**. A segunda observação refere-se à sua exibição em Portugal. Como viram na ficha de **Siegfried Tod**, a sua estreia entre nós teve lugar no Tivoli a 14 de Dezembro de 1926. Simplesmente, apesar de vir com o título genérico de **Os Nibelungos**, parece que apenas essa primeira parte foi exibida. Pelo menos até este momento não nos foi possível encontrar qualquer indicação da estreia da segunda parte. E passemos agora a **Kriemhilds Rache**.

Se, como se destacou na folha anterior (citando outro texto de João Bénard da Costa sobre este filme) **Siegfried Tod** se coloca sob o signo do "masculino", **Kriemhilds Rache** organiza-se em volta do "feminino", numa relação perfeitamente simétrica (daí que seja fundamental a visão das duas para nos apercebermos de toda a riqueza da obra). À rigorosa arquitectura dominada pelas linhas verticais e regendo-se por um princípio de "ordem", sucede-se uma organização dos cenários e do espaço dominado

por curvas irregulares, numa aparente desordem, com as grandes abóbadas do castelo de Worms dando lugar a desenhos mais ou menos uterinos das salas e entradas da fortificação de Etzel (Átila). E enquanto na primeira parte a narrativa se centrava à volta de Siegfried, é agora Kriemhild que domina a cena. Uma Kriemhild totalmente diferente da primeira, dominada apenas pela sede de vingança contra todos os que causaram a morte do marido, mesmo que sejam os mais chegados membros da sua família. Mas a ideia de totalidade das duas partes não se resume aos aspectos cénicos e narrativos, mas também aos da psicologia. **Siegfried** é um filme de luz, exteriores (mesmo que tudo seja filmado em estúdio), canto épico sobre um herói mítico. **Kriemhilds** é um filme de sombras, interiores (quase tudo decorre dentro do forte de Etzel e na sala do banquete, em particular durante o longo combate final), e sobre paixões humanas. Mas o "princípio feminino" não se manifesta apenas na "desordem". Tudo se organiza em torno de Kriemhild, todos os gestos e acções dependem de ordens suas, ela é o verdadeiro princípio (des)organizador da narrativa e do drama, e o instrumento da sua vingança, Etzel, ofusca-se quando o conflito se torna mais aceso, prostrado pela dor pela morte do filho, de novo às mãos de Hagen. Para esta Erínia, Kriemhild, mesmo a criança é um instrumento para a vingança, como se ao mandá-lo vir para o banquete previsse a tragédia que obrigaria Etzel a romper a trégua e o respeito pela hospitalidade, atacando os convidados. De todos os personagens masculinos apenas Hagen Tronje está à sua altura. Mesmo negativamente é ele o herói desta segunda parte, como se tivesse assumido só atributos de Siegfried ao matá-lo, saindo, como este, incólume de todos os combates, e, como ele, também apenas pode ser vencido por uma mulher. Os planos finais, com a armadura rasgada e as longas barbas, dão-lhe um ar de serena grandeza da mesma estirpe de Siegfried. E como sobre o corpo deste cai o de uma mulher, Brunilde, sobre o de Hagen cai o de Kriemhild, consumada que está a sua vingança, mas deixando atrás de si o rasto da destruição, Todo este drama intenso sobre imagens de apocalipse, com o espantoso incêndio da fortaleza, imagem derradeira do caos que só voltará a encontrar-se muitos e muitos anos depois nos filmes de Kurosawa, **Kumonosu-Jo** (O Trono de Sangue) e **Ran** (Os Senhores da Guerra).

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico